

Levi-Strauss vai rever o Brasil. Com emoção

NAPOLEÃO SABÓIA
Especial para "O Estado"

PARIS — Apesar de ser considerado nos meios intelectuais franceses um "homem frio, distante, jupiteriano", o grande pensador francês da Antropologia contemporânea, Claude Levi-Strauss, 77, anos ainda radiante no momento, falando mesmo de "imensas alegrias e emoções em perspectiva", porque vai reencontrar o Brasil e seu povo depois de amanhã, após quase 50 anos de ausência.

Membro da comitiva do presidente Mitterrand e que participou da fundação da Universidade de São Paulo nos anos 30, espera que o programa oficial da visita lhe assegure algum tempo livre, "pois gostaria de cumprir certos sonhos nesse reencontro com o Brasil, é o primeiro deles. Seria o de rever sua maravilhosa natureza".

Na passagem por São Paulo, ele ficará "muito feliz se puder ir visitar a antiga sede de *O Estado de S. Paulo*, já que ali se desenrolaram momentos memoráveis de minha permanência, de minha vida no Brasil entre 1935 e 1939". Levi-Strauss precisa, em seguida, as "razões nostálgicas" dessa visita tão desejada: "*O Estado* teve papel decisivo na reforma e modernização do ensino superior no Brasil. Foi à sombra, sob o impulso e a influência política de seu então diretor, Julio de Mesquita Filho, que a USP acabou sendo fundada. Graças a Julio, pude tomar parte nessa aventura inesquecível e grandiosa, como membro da missão universitária francesa enviada ao Brasil na época. Meus colegas de missão, Fernando Braudel; Pierre Monbeig, Pierre Hourcade, Michel Bernevet, François Perroux, René Courtine eu próprio nos considerávamos filhos espirituais de *O Estado de S. Paulo*. O gabinete de Julio de Mesquita Filho, que funcionava como uma espécie de grande salão literário, era também uma extensão de nossas casas. Ali, sentíamos-nos protegidos e recebíamos o que havia de melhor da inteligência e da hospitalidade brasileiras".

Da antiga sede de *O Estado*, o professor Levi Strauss gostaria de ampliar seu itinerário sentimental pela avenida Paulista e pelo resto da cidade, que ele teme não reconhecer mais. "Quando conheci São Paulo", ele evoca, "a cidade contava com cerca de um milhão de habitantes e seu aspecto colonial perdurava em várias áreas. Hoje, São Paulo tem 11,12 milhões de habitantes. O que foi feito do edifício Martinelli, que tanto orgulho causava aos paulistas na época, por ser o primeiro arranha-céu do Brasil? Foi realmente abandonado? Naquela paisagem urbana constituída essencialmente de casas luxuosas e modestas o 'Martinelli' era o ponto de referência pelo qual me orientava para circular na cidade quando eu ainda não a dominava direito. E o que são feitos dos mercados de São Paulo, com suas cores, odores e sabores?"

Indagado sobre os odores que gostaria de reencontrar, o "primeiro intelectual da França" (segundo o plebiscito realizado há algum tempo pela revista *Lire* junto aos integrantes da *Intelligentsia* parisiense) não hesita: "Teria muito prazer em sentir novamente o odor do fumo de rolo, daquele que era vendido nos mercados, porque ele é de tal modo poderoso, tem tanta força que a gente dificilmente esquece".

E dos sabores brasileiros, mestre?

"Olhe, eu gostava muito da cozinha brasileira, naturalmente da farofa e de outras coisas saborosas do gênero. No domínio dos doces, aquela cocada morena era absolutamente maravilhosa. E ainda tinha o pé-de-moleque... quero trazer mate do Brasil, porque o mate me sustentou durante meses naquela expedição de 38-39 ao Mato Grosso."

Foi com essa expedição às tribos dos caduveus e dos bororos que Levi-Strauss efetuou as pesquisas etnográficas que iriam lastrear grande parte de sua obra. Ele não se disporia a refazer seus caminhos pelo Brasil central, "pois seria longo e muito



Claude Levi-Strauss

complicado tudo isso, mas, se minha viagem não fosse tão curta (quatro dias), encararia com entusiasmo a possibilidade de ir rever pelo menos um daqueles cantinhos do Mato Grosso que ainda conheci intocável pelo homem e que foram para mim uma fonte de admiração e de emoção".

Levi-Strauss foi lá pela primeira vez em lombo de burro, piroga e carro de boi. Perguntado sobre se concordaria em voltar agora de teco-teco, ele responde: "Com entusiasmo, se bem que gostaria mais de ir lá onde não houvesse avião. Porém, isso não existe mais no mundo atual. Enfim, os lugares por onde passei continuam muito presentes na minha memória. Basta colocar um mapa a minha frente para que eu diga — aqui eu dormi, ali o carro de boi atolou, acolá o burro acuou-se etc."

O eminente *scholar* releva em seguida o que faria, se um teco-teco o transportasse a um desses cantinhos: "Iria em particular contemplar as luzes do sertão, os céus que me extasiaram em Campo Grande, Mato Grosso, com aquelas arquiteturas feitas de nuvens, de uma beleza extraordinária, que se perdem por horizontes absolutamente gigantescos".

O famoso antropólogo já não manifesta o mesmo entusiasmo quando se aventa a hipótese de um encontro seu com os índios, em Brasília, por exemplo, onde se acha a sede da Funai. "Claro", ele pondera, "gostaria de vê-los. Acontece simplesmente que, para encontrar populações indígenas que não estejam ainda atingidas, afetadas e alteradas pela civilização, precisava ter muito tempo e ir bem mais longe. Ora, pelas gravações que um colega japonês fez junto aos índios nhambiquaras, com os quais vivi em 38, 39, pude verificar, por exemplo, que já houve alterações culturais em suas comunidades. Nas gravações reencontrei a consonância da língua nhambiquara e também o estilo com que esses índios tocam flauta, mas, ao mesmo tempo, percebe-se que as coisas já não são as mesmas. Nas gravações há conversas em português. Por outro lado, os nhambiquaras vivem, hoje, em torno de uma cidade de 60 mil habitantes, quando ali, no meu tempo, só moravam 15 pessoas. Eu ficaria de coração partido se fosse rever populações — que conheci em 38 em absoluto estado de independência e em pleno vigor — sujeitas à miséria, reduzidas à condição de mendigos. Se eu pudesse, todavia, reencontrar grupos indígenas parecidos com os que conheci nos anos 30, isso me daria imensa satisfação".

Quanto aos programas visando a integrar os índios à civilização industrial, o mestre francês, depois de afirmar que "o mais sábio é deixar os índios em liberdade para que eles próprios formulem as condições de sua sobrevivência", acrescenta: "São os índios que devem decidir se participam ou não do desenvolvimento da sociedade industrial. O que é terrível são essas freqüentes tentativas de assimilação pela força, sem o menor respeito à cultura indígena que pode, um dia, ser extremamente importante para o Brasil. Afinal, vivendo há milênios em contato íntimo com o meio natural, essa gente acumulou conhecimentos e um *savoir-faire* que ninguém está absolutamente capacitado para dizer se não serão da maior utilidade no futuro".

O ar inquieto com que o antigo professor do Colégio de France (apontado há três anos) fala das amea-

ças que pesam sobre os índios se desanuvia entretanto num sorriso quando se aborda seu possível reencontro com o samba, ao vivo, no Rio. "Ah, a música brasileira que conheci era maravilhosa", ele exclama, adiantando no mesmo tom eufórico: "Imagine que quando desembarcamos em São Paulo, em 35, o carnaval começava. No mesmo dia, meus colegas e eu partimos para a aventura dos bailes e da folia nos bairros populares, onde predominava uma atmosfera fantástica, animada por essa música brasileira de uma originalidade tão poderosa que ainda hoje, quando a ouço no rádio, bastam duas medidas para que eu a reconheça imediatamente. Na verdade, não existe nenhuma outra música igual".

Recentemente, o escritor Jean D'Ormesson (que viveu no Brasil em criança no final dos anos 30) revelava ao repórter que quando Fernand Braudel, Levi-Strauss e ele próprio se encontram nos corredores da Academia Francesa, se a conversa deriva para os tempos de mocidade, aí então os três acadêmicos cantarolam a marchinha "Mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar..." Perguntado se, de fato, conhecia a marchinha, o mestre declara, risonho: "Mas claro que me lembro perfeitamente dela. Eu não a canto com boca, mas esta marchinha e muitas outras ficaram cantando até hoje na minha memória. Olhe, parece que estou agora mesmo ouvindo "Mamãe eu quero..." Em suma, ficaria profundamente feliz se reencontrasse o samba e as marchinhas, não somente porque essas músicas são apaixonantes e belas, como também porque, afinal, estou indo ao Brasil por quatro dias reencontrar também minha mocidade... Daí, talvez, a razão de meus dois filhos adultos dizerem que "estou um pouco doído por causa da viagem..."

Levy-Strauss lamenta que esse reencontro tenha também seu lado melancólico e meio triste. "Triste", ele confessa, "porque já não reverei amigos como Julio de Mesquita Filho, Sérgio Milliet, Paulo Duarte, Rubens Borba de Moraes, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que já morreram. Mário era apaixonado pelos costumes populares, pelo folclore. Com ele, eu sempre ia aos mercados de São Paulo, ia assistir a espetáculos populares, o bumba-meu-boi etc. Em Mário, sentia-se o desejo, o esforço para aprofundar as raízes, fossem indígenas, africanas, portuguesas, populares em geral. Já Oswald era um espírito surrealista, europeu, parisiense transplantado no Brasil. Eu era amigo dos dois, mas em registros distintos. As relações eram diferentes. Através de ambos, pude acompanhar, em expectador interessado, o Movimento Modernista do Brasil".

O autor de "Tristes Trópicos" justifica o "lado melancólico" da viagem pelo fato de que vai encontrar antigos alunos que se tornaram depois professores e hoje já estão aposentados... "Em todo caso", ele frisa, "ficarei reconfortado em vê-los. Em Brasília, gostaria de rever o professor Roberto Cardoso de Oliveira, um dos grandes antropólogos mundiais. No Rio, meu colega Roberto da Matta, que trabalha no Museu Nacional na Quinta da Boa Vista e, em São Paulo, minha antiga aluna Manuela Carneiro da Cunha, que ainda há pouco me escrevia perguntando se eu "não iria nunca mais ao Brasil"...

De resto, o professor Levi-Strauss acha que vai encontrar "as longínquas conseqüências daquele ardor, dinamismo e juventude do Brasil, que conheci nos anos 30 e que se pôs em marcha, assumindo uma posição cada vez mais importante na cena mundial. Os recursos naturais que lá estavam na minha época foram e continuam sendo explorados. O Brasil 'explodiu', decolou e é resultado dessa decolagem que irei contemplar". Ele conclui a entrevista sublinhando sua "gratidão ao Brasil e aos brasileiros", que tanto o ajudaram na construção de sua obra antropológica. "Tenho a impressão", o mestre esclarece, "que, indo revê-los após 50 anos, eu pago um pouco essa dívida de reconhecimento".